

O Rio, a política, o carnaval

JOSÉ SARNEY

O Rio foi a síntese do Brasil. Aqui se encontravam, confluíam e se tornavam um corpo só todas as diversidades do país. Em cada brasileiro havia um pouco de carioca. Esta não era uma região isolada, mas um território comum.

E o carnaval? O carnaval era uma das faces mais visíveis do Rio. O Rio era o carnaval e o carnaval era o Rio. Com antecedência, lançavam-se as músicas de Momo cujos temas eram o próprio Rio, um delírio nacional.

Elas corriam o Brasil. Em cada estado e em cada município e em todos os salões se sabia do Rio, porque se cantava a Cidade Maravilhosa. O caminho do Joá, a Barra da Tijuca, um programa com Chiquita Bacana estavam na cabeça e no sonho de cada brasileiro.

E a política? Ela estava no carnaval. Não num carnaval ideologizado, o anticarnaval, mas no folguedo simples, puro, em que as questões sociais afloravam e tocavam o coração do povo e motivavam as decisões de governo, na marchinha alegre e brasileira.

A música de carnaval obrigou a pensar-se fundamentalmente nos problemas sociais. O habitacional era explicitado no "Daqui não saio/daqui ninguém me tira/Ainda mais com quatro filhos/onde é que eu vou morar?"

Os abusos da clientela eleitoral: "Maria Candelária/caiu de pára-quadras/caiu na letra ó" (a famosa tesoureira do mais alto grau da administração?). A sutileza da corrupção nos anos 30, os tempos negros, e a marchinha "mamãe eu quero ma-

mar/Traz a chupeta/Traz a chupeta/Pro bebê não chorar." Contou-me Napoleão Sabóia, brilhante jornalista brasileiro, que ao entrevistar Levy-Strauss, ele parou e disse: "Brasil, que saudades!" E começou a cantarolar, num sotaque francês: "mamain oie quero mamar!..."

E a política no carnaval? O Rio era o centro político, a capital da República: Tudo aqui repercutia. A carreira de Getúlio Vargas está ligada à comunicação das canções de carnaval com o tema do seu Gegê (Getúlio), o esperto: "Na hora H quem vai ficar é seu Gegê!" E ficou em 37. Antes, bem antes, Bernardes, "seu Mê", já era alvo dessa onda. "Lá no Palácio das Águias (o Catete) Seu Mê (Bernardes) não há de colocar o pé!"

Era um tempo, misturando as épocas, em que parlamentar valia. "Eu quero ver o ronca-ronca da cuíca/Gente pobre/Gente rica/deputado e senador." Essa era gente que no Rio, capital da República, se chamava de gente fina. Depois o marmiteiro, que foi a desgraça da UDN, calvário do brigadeiro Eduardo Gomes, vítima da campanha de ser contra os operários, criação do Hugo Borghi, depois ou antes, não sei, popularizado na canção popular, "Quatro horas da manhã/Lá se vai o Zé Marmita!" E o problema da favela, ganhando o Brasil todo: "Lata d'água na cabeça/Lá vai Maria..."

Hoje, as escolas de samba, o carnaval eletrônico, que remexe com a gente em casa, a globeleza, mais do que beleza, a maravilha do criador, é outra coisa. Mas sem aquela empatia dos velhos carnavais. O carnaval não se realiza num mundo do espetáculo. O carnaval é uma festa artesanal, antifesta, na alegria de construir a felicidade do prazer puro e livre, da música e do grotesco. É o bloco

do sujo, o alvaiade, o lança-perfume, a máscara, o não-ser e o ser. Todo o mistério da fuga e do bem-querer.

A política? O carnaval era "A Carreta", a velha revista, com os políticos na caricatura. Fantasiados. Era a sátira, verdadeiro humor. Hoje, o humor é agressão e a embromação. A paródia, coisa difícil é a realidade e o mambembe que se transformou apenas uma simulação sem graça. O carnaval do Rio, capital política, era uma afirmação da capital cultural e da capital da República. Hoje, restou um simples show? Não sei. Sinal dos tempos.

O presidente e o carnaval. Temos o Manuel Vitorino, vice, festeiro, que deu trabalho ao Prudente de Moraes. Gostava de bailes, dos quais participava.

E o Hermes da Fonseca, o nosso marechal? Nair de Tefé, sua mulher, artista e talentosa, fazia baile de carnaval no Catete. E eram festas de arromba. Depois, os bailes do Municipal, festas de política e carnaval. E Juscelino? Gostava de dançar. Não sei se de carnaval. E eu? Não sou de carnaval. Sou muito jaquetão.

Hoje, Brasília, solitária, o Planalto querendo imitar escolas de samba, o carnaval da sociedade industrial, sem valores e sem graça.

O Rio, o Rio carnavalesco, dos bailes do Hermes da Fonseca, do Municipal e do Hotel Glória, é nostálgico.

Eu, que sou da liturgia do poder, lembro-me dele como um tempo de um Brasil sem ódio, que acreditava ser o país do futuro. No Maranhão, meu estado, ainda se podem ver marcas do passado. Pois não é que há uma escola de samba com o nome em latim? "Vita ludus est". (A vida é um jogo). Hoje é uma sobrevida.

José Sarney, senador pelo Amapá.

13 FEV 1994

O GLOBO